

**PREFEITURA MUNICIPAL DE BARRINHA**

**GABARITOS DO CONCURSO PÚBLICO DE PROVAS E TÍTULOS PARA CARGOS  
DE PEI,PEBI E PEBII PEI e PEB I**

**PARTE 1 – PROVAS OBJETIVAS – QUESTÕES : 01 A 40**

**CARGO : PEB II - HISTÓRIA**

**PARTE 1 – PROVA OBJETIVA – QUESTÕES : 01 A 40**

QUESTÃO	ALTERNATIVA
1.	A
2.	A
3.	B
4.	A
5.	C
6.	E
7.	D
8.	C
9.	A
10.	B
11.	D
12.	C
13.	C
14.	C
15.	B
16.	D
17.	C
18.	A
19.	E
20.	A

21.	A
22.	E
23.	B
24.	E
25.	D
26.	D
27.	C
28.	B
29.	C
30.	A
31.	A
32.	D
33.	B
34.	C
35.	D
36.	D
37.	A
38.	A
39.	A
40.	E

## **PARTE 2 – QUESTÃO DISCURSIVA**

### **RESPOSTA PADRÃO**

A avaliação é “movimento”, é ação e reflexão.

Na medida em que as crianças realizam suas tarefas, efetivam muitas conquistas: refletem sobre suas hipóteses, discutem-nas com pais e colegas, justificam suas alternativas diferenciadas. Esses momentos ultrapassam o momento próprio da tarefa. E, portanto, não se esgotam nelas. As tarefas seguintes incluem e complementam dinamicamente as anteriores. A média de escores, na escola, e a concepção constatativa do teste, contradizem-se a esse dinamismo. Obstaculiza, provoca a estagnação, as arbitrariedades.

O procedimento de testar e medir vem servindo sobremaneira à bandeira de justiça dos educadores. Essa justiça da precisão desconsidera, entretanto, a reciprocidade intelectual que pode se desenvolver através de um método investigativo sobre as manifestações do educando, a discussão de idéias, a argumentação e contra-argumentação aluno e professor, numa reflexão conjunta.

Em nome da justiça da precisão, o professor nunca foi tão injusto! Os instrumentos de medida, em educação, podem alcançar altos índices de fidedignidade (menor variabilidade entre os que corrigem a mesma prova), mas isto não é essencial em avaliação e, muito menos, importante. A avaliação deve significar justamente a relação entre dois sujeitos cognoscentes que percebem o mundo através de suas próprias individualidades, portanto, subjetivamente. O que importa é dinamizar essa relação ao invés de aproximá-la da precisão das máquinas.

Se valorizarmos os “erros” dos alunos, considerando-os essenciais para “vir a ser” do processo educativo, temos de assumir também a possibilidade das incertezas, das dúvidas, dos questionamentos que possam ocorrer conosco a partir da análise das respostas deles, favorecendo, então, a discussão sobre essas idéias novas ou diferentes.

Não podemos ceder a vez do diálogo aos números em nome da precisão. Assim como não devemos reduzir o processo amplo da avaliação às suas ferramentas.

Jussara Hoffman em Avaliação: mito e desafio. Porto Alegre: Educação e Realidade, 1992, p.61/62.